S E A Q U A K E

Abaixo da Superfície

VÊ DOMINGOS

Abaixo da Superfície

2019

Título: Abaixo da Superfície
Vê Domingos

Edição e Revisão
Saulo Adami

Revisão Prévia
Débora e Manuela Domingos

Produção Executiva
Gabriela Domingos dos Santos

Projeto de Capa - Manipulação Digital
Vê Domingos

Foto Original (1999)
Yago Mendes Gall - João Ricardo

Foto (Vê Domingos)
Lenon Cesar

Copyright©2019 Vê Domingos

- Agradecimentos -
As mulheres da minha vida
Débora, Gabi e Manu Domingos.
A amiga Ioná Marley Mendes
e ao amigo Yago Mendes Gall.
Agradeço ao amigo e editor
Saulo Adami.

Todos direitos reservados.
Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão
de partes deste livro através de quaisquer meios,
eletrônicos, digitais e mecânicos
sem prévia autorização por escrito do autor.

Dedicado aos amigos
de uma inesquecível jornada.
Alê Werner, Alessandro, Cesar e Renatinho

O tempo, a estrada e o sonho.

O tempo não cessa. A estrada é longa. O sonho não pode acabar!

Enfrentando os desafios do tempo, percorrendo a longa estrada que leva à realização dos sonhos, Vê Domingos nasceu e cresceu entre papéis, telas, tintas, cordas e acordes para escrever uma das mais brilhantes e sinceras histórias sobre os bastidores da música enquanto vivia – e ainda vive! – alegrias, incertezas e vitórias que figuram no repertório da trajetória de um artista enquanto músico, compositor e produtor.

E foi além. *Seaquake – Abaixo da Superfície*, seu livro de estreia que tive a honra de ler, polir e reler, é o retrato pessoal e intransferível dos tempos vividos a partir dos primeiros passos de um artista: o contato pioneiro com um instrumento musical, a inspiração que rendeu as primeiras letras e sua chegada ao palco na forma de canções. O primeiro show, a primeira luz do refletor da história que brilhou sobre ele e seus companheiros de jornada.

Debruçado sobre suas memórias, que misturam cenas da vida real com contos que revelam outra habilidade da alma criadora que nele habita: a literatura – que, tão inquieta quanto sua veia artística, se revela ao leitor em sua plenitude e vigor. Este livro é o resultado de sua autoconstrução como humano, artista, marido e pai, ao som de músicas que marcaram sua

vida, sem fronteira de estilos – porque é preciso ser múltiplo! –, além das influências tantas que se permitiu conhecer enquanto delineava traços e dava tintas à sua identidade universal.

Com espontaneidade, trilhou sua busca e fez suas escolhas. Sentiu o gosto amargo das decepções, das escolhas erradas, dos perigos que rondam ensaios barulhentos que levaram a vizinhança a apedrejar o telhado de sua casa – e dos perigos tantos que rondam a estrada entre um show e um não-show. Empilhou cases e instrumentos nos bagageiros apertados, fez apresentações para plateias ausentes, enfrentou shows sem reconhecimento, enfrentou preconceitos e sobreviveu às armadilhas da estrada.

Lotou plateias e as fez dançar e cantar suas composições, cumprindo agendas entre uma cidade e outra, entre um estado e outro, e cruzou as fronteiras do Brasil. Enfim, viveu as experiências que vive todo menino que almeja ser o artista que ele se tornou.

Sobreviveu para contar o que nenhum fã de hoje em dia é capaz de imaginar que tenha enfrentado sozinho ou ao lado de seus parceiros de composição e de sua primeira banda, o Stauros. Porque há histórias que estão contidas apenas na memória e no coração de quem pega a estrada sem hesitar, sem medo do erro, com a fé nos dias ainda melhores que virão.

O tempo não cessou. A estrada foi ampliada. O sonho continuará!

Saulo Adami

1. PARA COMEÇO DE CONVERSA

O artista tem plena consciência de sua criação?

Não raras vezes, me deparei com interpretações que me surpreendem ao perceber o quão ficou de minha intenção e, ao mesmo tempo, o quanto pode ser de fato aplicado. Não desejo mergulhar minha energia criativa pegando carona num álbum que já passou da maioridade. Claro que à época já havia percebido ter sido ultrapassado por minha arte e que, trilhando pelos campos da subjetividade, estou encontrando novos significados. Em se tratando de arte, sei que ela se completa e se funde em si mesma, sem reparos ou *novo recheio.*

Não se iluda com a ideia de que de minha parte vou estar mostrando truques, artimanhas ou revelando charadas, brincando com interpretações, me valendo de ser autor. Não vou trazer à tona rascunhos nem queixas dos percalços do caminho – aquele jogo de auto piedade com missão de provocar aplausos tardios. Se houver de sua parte a desconfiança de que estou à caça de elogios, sugiro parar a leitura por aqui – e tenha certeza de que nunca nos entendemos.

Aplausos são inebriantes e viciantes, mas não sofro dessa dependência. A máxima de que *artistas precisam de*

aplausos pode ser substituída por *artistas se alimentam de reconhecimento*. Ser reconhecido por um feito tem mais sustância. A palavra reconhecimento se encaixa perfeitamente com a palavra *arte*. Sucesso e pompa são *desconfortos desnecessários.*

Não intento mudar ou acrescentar algo em qualquer aspecto que eu hoje julgue ter sido ineficiente. As impressões que você tem desse vitorioso álbum são mais valiosas do que trechos desse passeio sobre os caminhos de sua produção. Até porque o tempo já tratou de chancelar e dar por completada a obra. Portanto, se acaso uma dessas abordagens às quais me proponho estragar algo que você julga ser maior, fique com seu sentimento e me dê de ombros. Uma história, para ser boa, precisa ter várias versões e releituras.

O que vem a seguir? Memórias, contextos, paralelos e parâmetros do processo. Poesia, envolvimento e um pouco de *"não sei o que é"*, que considero a melhor parte. Há algo *abaixo da superfície* que amamos – que nos fascina, causando desde curiosidade até profundo interesse.

Se você conhece o álbum, se sentirá mais em casa. Porém, o livro foi escrito para quem tem interesse no universo criativo da letra de música, suas motivações e inspirações; nas ideias de mundo e de como a arte acontece e o seu DNA. Há também o contexto cultural da época e a *ascensão da música cristã*, criando uma categoria de produto, abrindo nova sessão nas lojas de CD: *música gospel*. Entretanto o livro é sobre música e letra, e os caminhos da composição. Das primeiras palavras, aos arranjos, gravações, difusão, passando pelos

espaços de palcos até sua última estação. A saber; O coração de outra pessoa.

Se alguém escrevesse que não eu, poderia se valer da isenção que traria riqueza de detalhes aos relatos, mas que durante os capítulos tentarei mostrar que um bom tanto dessa mesma isenção o tempo se encarregou de me fornecer. São passados exatos 20 anos do dia em que estávamos preparando os primeiros compassos do álbum.

Vou buscar ser claro quanto aos fatos históricos, sem abrir mão de trazer um pouco de beleza e profundidade à memória, desdobrando subjetividades, abrindo espaço para contos – a parte *não sei o que é*. Farei assim, porque minhas letras nascem sempre de textos maiores, que extrapolam os contornos musicais e a capacidade de memória de quem desejasse cantar um tema ainda estado bruto, aquilo que está para mim antes de se transformar uma letra de música. Tais contos são intercalados às narrativas factuais, para convidar você a olhar pela janela de uma van rodando a 100 quilômetros por hora em alguma estrada do país, enquanto tantos dormem – menos o motorista, eu espero! – minhas forças são lançadas neste mundo no qual faço minhas canções.

O *Seaquake* foi um trabalho feito por cinco caras. As tensões e somas desses momentos têm como resultado o álbum como você o conhece. Se alguém me perguntasse:

– Se você pudesse fazer alguma escolha diferente, qual seria?

Eu responderia:

– Muitos aspectos eu certamente iria mudar, mas jamais

trocaria os quatro amigos daquela caminhada!

Quanto a você, leitor, que chegou até aqui, pode entrar! Neste momento, estamos ensaiando, como sempre. Mas, esta noite vai mudar nossos planos, nossa caminhada, vamos precisar de mais força do que julgávamos. Entre, o som está rolando!

2. (MAREMOTO) DO FIM PARA OUTRO COMEÇO

O calor fazia com que nos sentíssemos comprimidos pelas paredes da sala de um pouco mais de quatro metros quadrados. Bandejas de papelão verde para acondicionar ovos, que forravam as quatro paredes de alto a baixo, pareciam derreter naquela noite.